



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### Mercado aguarda Ata do Copom e IPCA para calibrar apostas em corte da Selic

**Após Copom sinalizar juros estáveis por mais um tempo, mercado aguarda Ata da reunião.** O documento será divulgado na terça (9), e pode trazer alguma novidade sobre o plano de voo do Colegiado, especialmente quando e sob quais condições o BC projeta o início da flexibilização monetária. Na última semana, o Comitê optou pela manutenção da taxa Selic em 13,75% aa, e, sem qualquer sinalização de cortes de juros à frente, reiterou a necessidade de paciência e serenidade na condução da política monetária, especialmente num cenário de expectativas de inflação ainda desancoradas. A principal novidade foi o reconhecimento do avanço das medidas no campo fiscal, embora com o Colegiado enfatizando que ainda há incerteza relevante sobre o assunto.

**A inflação (IPCA) de abril também deve ajudar o mercado a calibrar suas perspectivas para os próximos passos do Copom.** O índice deve mostrar alta de 0,54% no mês, pressionado pelo reajuste autorizado de até 5,6% nos medicamentos. Em 12 meses, o IPCA deve seguir desacelerando, de 4,65% para 4,11%. A atenção, no entanto, estará nas medidas de núcleo, que têm apresentando uma desaceleração ainda bastante gradual, especialmente entre os serviços, que seguem em patamar elevado, sugerindo alguma resiliência no processo de desinflação, o que dificulta o início da flexibilização monetária por parte do Copom.

**No âmbito da atividade, o IBGE divulga a produção industrial de março na quarta (10), trazendo o primeiro resultado fechado de um grande setor no 1º trimestre.** Após recuar nos últimos 3 meses, o consenso projeta alta de 0,9% da indústria no mês, levando a uma ligeira queda de 0,2% no trimestre. Impactada pela política monetária contracionista, a indústria tem mostrado sinais mais significativos de perda de dinamismo, notadamente no segmento de transformação, enquanto a indústria extrativa tem se beneficiado pela retomada da economia chinesa.

**A semana também traz o Relatório de Estabilidade Financeira (REF) referente ao 2º semestre de 2022.** Divulgado pelo BC na quarta (10), o documento explora as principais métricas de liquidez, solvência, alavancagem etc., do setor bancário, e deve mostrar que o setor segue bem provisionado, líquido e capitalizado, sem qualquer risco relevante para a estabilidade financeira.

**Na agenda corporativa, a semana dá sequência às divulgações dos resultados do 1T23 dos bancos de capital aberto.** Os balanços devem ser pressionados pelo aumento das despesas com PDD, em resposta ao aumento da inadimplência e dos casos de recuperação judicial de grandes empresas. Ainda assim, para a maioria das IFs, a projeções dos analistas apontam para resultados bastante positivos. Neste sentido, hoje cedo o Itaú divulgou seu resultado e reportou lucro líquido de R\$ 8,43 bi, com alta de 14,6% no ano, impulsionada pelo crescimento das margens e receitas com serviços, que compensaram a elevação do custo de crédito, diante do cenário mais restritivo. No trimestre, a alta foi de 10,0%, beneficiado pela normalização das provisões, já que o banco fez o aporte ainda no 4T22. O quadro com as datas de divulgação e as respectivas projeções do consenso estão na próxima página.

**No campo político, o mercado segue atento aos desdobramentos do arcabouço fiscal.** O relator da proposta indicou que deve apresentar seu relatório final até esta quarta, com o texto modificado incluindo punições caso haja descumprimento da meta. A matéria, no entanto, só deve ser votada no final do mês. Em resumo, sinalizações de maior rigidez do parlamento são positivas, mas a postergação do prazo de avaliação e as dificuldades de articulação política do Governo Lula no Congresso trazem certa preocupação. Eventuais definições sobre os nomes dos diretores do BC também estão no radar, mas devem aguardar o retorno do Ministro Haddad ao Brasil, o que só acontecerá no final da semana (dia 14).

**No cenário internacional, o destaque será a divulgação da inflação ao consumidor (CPI) nos EUA.** O mercado espera que o índice mensal acelere para 0,4% em abril (ante +0,1% em março), mantendo o indicador estável em 12 meses (em 5,0%). Caso confirmado, o resultado reforça a leitura de que o início dos cortes de juros no EUA não deve ocorrer tão cedo. A semana também traz os preços ao produtor (PPI) de abril na quinta (11) e a prévia da confiança do consumidor de maio na sexta (12). Na China, os dados da balança comercial de abril serão divulgados na terça (9), com expectativa de expansão anual de 8,0% nas exportações, sinalizando alguma desaceleração em relação à leitura de março (+14,8%), e ligeira retração (-0,3%) das importações.



## INDICADORES DA SEMANA

### NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
08/mai	FGV: IGP-DI	Abr/23	-1,06% m/m -2,61% a/a	-0,34% m/m -1,16% a/a
08/mai	Anfavea: Produção de Veículos	Abr/23	-	20,0% a/a
09/mai	Ata do Copom	-	-	-
10/mai	BCB: Relatório de Estabilidade Financeira	2º sem/22	-	-
10/mai	IBGE: Produção Industrial (PIM)	Mar/23	0,9% m/m 0,5% a/a	-0,2% m/m -2,4% a/a
12/mai	IBGE: IPCA	Abr/23	0,54% m/m 4,11% a/a	0,71% m/m 4,65% a/a

Fonte: Bloomberg.

### Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 1T23

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 1T23 Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Itaú	08/mai	8.401	9,6%	14,1%
BTG Pactual	08/mai	2.195	33,5%	13,0%
Inter	08/mai	-	-	-
ABC	09/mai	183	-7,1%	0,0%
Pine	10/mai	-	-	-
BMG	11/mai	-	-	-
Banrisul	11/mai	245	-2,3%	48,1%
Banco do Brasil	15/mai	8.404	-6,5%	28,0%
Nubank	15/mai	-	-	-

Fonte: RI dos bancos. Projeção: Bloomberg.

### INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
09/mai	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Abr/23	8,0% a/a -0,3% a/a	14,8% a/a -1,4% a/a
10/mai	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Abr/23	0,4% m/m 5,0% a/a	0,1% m/m 5,0% a/a
10/mai	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Abr/23	0,3% a/a	0,7% a/a
10/mai	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Abr/23	-3,4% a/a	-2,5% a/a
11/mai	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Abr/23	2,5% a/a	2,7% a/a
12/mai	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Mai/23 – prévia	63,0 pts	63,5 pts

Fonte: Bloomberg.



## ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

## INDICADORES ECONÔMICOS

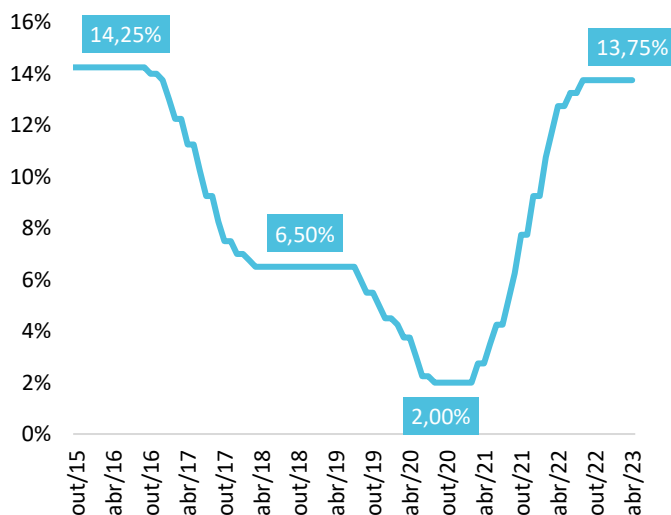
### Copom mantém Selic em 13,75% aa e não dá indícios de corte no curto prazo

O Copom manteve a taxa Selic estável em 13,75% aa, como amplamente esperado pelo mercado, e não fez qualquer sinalização sobre a possibilidade da redução de juros em breve, reforçando a necessidade de manutenção da taxa por período prolongado. Por sinal, a frase que sugere a possibilidade de novas altas na Selic foi mantida no comunicado, embora, agora, destacando que um cenário de retomada do aperto monetário é menos provável.

Em relação à conjuntura, o Colegiado avaliou que o ambiente externo se mantém adverso, com os episódios envolvendo os bancos no exterior elevando a incerteza, embora com contágio limitado. Sobre o cenário doméstico, destacou que a desaceleração da atividade segue ocorrendo conforme o esperado, ainda que exibindo maior resiliência no mercado de trabalho. Aqui, a preocupação era o BC avaliar que a atividade está surpreendendo para cima (diante das recentes surpresas positivas com os indicadores), o que dificulta o combate à inflação, que segue elevada. Neste sentido, as projeções de inflação do Comitê ficaram estáveis no cenário de referência, em 5,8% para 2023 e em 3,6% para 2024, ambas acima do centro de meta. A convergência para a meta ocorre apenas no cenário alternativo, no qual a Selic permanece em 13,75% aa ao longo de todo o horizonte relevante, com a inflação convergindo para 2,9% em 2024.

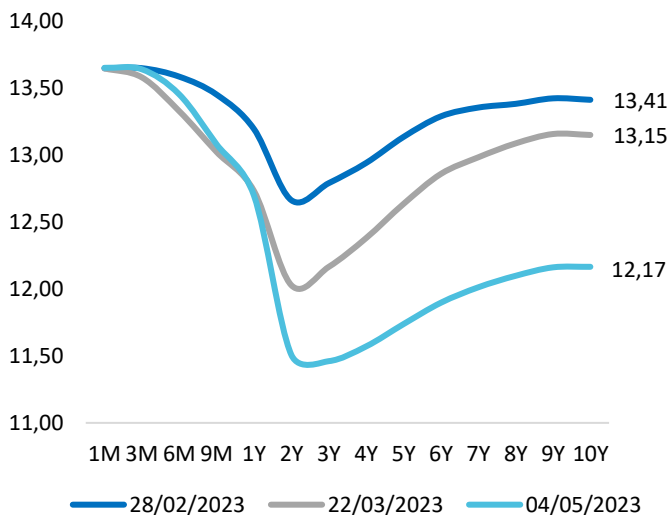
No balanço de riscos, o Colegiado reconheceu os avanços do governo no campo fiscal, destacando que as recentes ações adotadas, como a reoneração dos combustíveis e, principalmente, a apresentação de uma proposta de arcabouço fiscal, reduziram parte da incerteza advinda da política fiscal. No entanto, o tema permaneceu como fator de risco altista, com o Colegiado enfatizando que ainda há incerteza “sobre o desenho final do arcabouço fiscal a ser aprovado pelo Congresso Nacional e, de forma mais relevante para a condução da política monetária, seus impactos sobre as expectativas para as trajetórias da dívida pública e da inflação, e sobre os ativos de risco”. Por fim, destacou que o processo desinflacionário tende a ser mais lento na fase atual, diante de um cenário com expectativas de inflação ainda desancoradas, o que demanda maior atenção da condução da política monetária. Assim, a mensagem é de que a condução da Selic seguirá condicionada à ancoragem da inflação, que passa, em boa medida, pelo desenho final e pela confiabilidade do novo arcabouço fiscal.

Quadro 1: Taxa Selic – em % aa



Fonte: BCB.

Quadro 2: Curva de Juros do DI Futuro % aa



Fonte: Bloomberg.

Em relação aos indicadores, o Monitor do PIB da FGV apontou crescimento mensal de 2,5% da atividade econômica em fevereiro, sinalizando alguma resiliência neste início de ano e reforçando a leitura de que a economia deve apresentar um desempenho melhor do que o até então esperado no 1º trimestre.

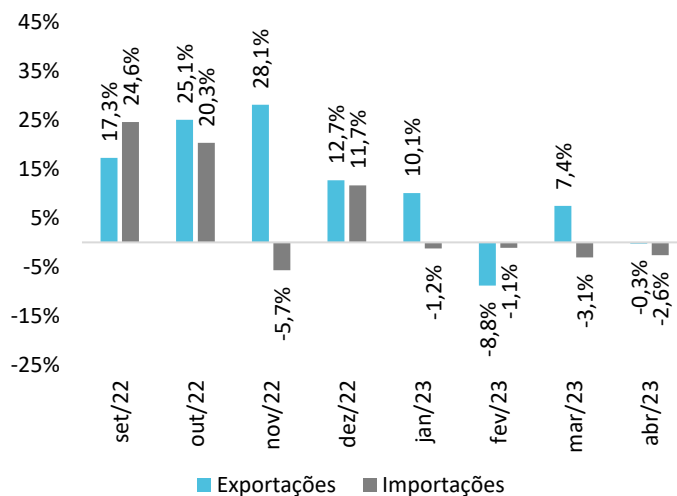
Segundo a Fundação, o forte crescimento decorreu especialmente da agropecuária, impulsionada pela safra recorde de soja, fato que deve seguir dando algum estímulo à atividade nos meses de março e abril, quando a colheita ainda ocorre, e contribuir para o forte desempenho do PIB agropecuário no 1º trimestre. O consumo das famílias também avança, sustentado pelo mercado de trabalho ainda aquecido.

**No setor externo, a balança comercial registrou superávit de US\$ 8,2 bi em abril, mesmo valor observado em abril do ano passado.**

Na média por dia útil, o saldo foi 5,5% superior (ante abr/22), refletindo o recuo mais intenso das importações (-2,6%) do que das exportações (-0,3%). Em ambos os casos, o resultado foi afetado pela queda dos preços, que mais do que compensou o maior volume. No caso das exportações, pesaram os menores preços da soja, petróleo e minério de ferro, enquanto nas importações foram observados menores preços de adubos e fertilizantes e combustíveis, itens que pressionaram bastante a balança no ano passado.

No acumulado do ano, a balança comercial registra superávit de US\$ 24,1 bi, 17,9% superior ao observado no mesmo período em 2022 (US\$ 20,4 bi), refletindo o avanço das exportações (+1,8%) e queda das importações (-2,2%). Ao longo do ano, a expectativa é de que a boa safra agrícola e a recuperação da economia chinesa favoreça as exportações, enquanto a desaceleração da atividade deve conter as importações, contribuindo para um bom superávit neste ano.

**Quadro 3: Exportações e Importações – Var. % anual – por dia útil**



Fonte: Secex.

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

### Fed indica pausa no aperto monetário, mas payroll frustra chance de cortes no curto prazo

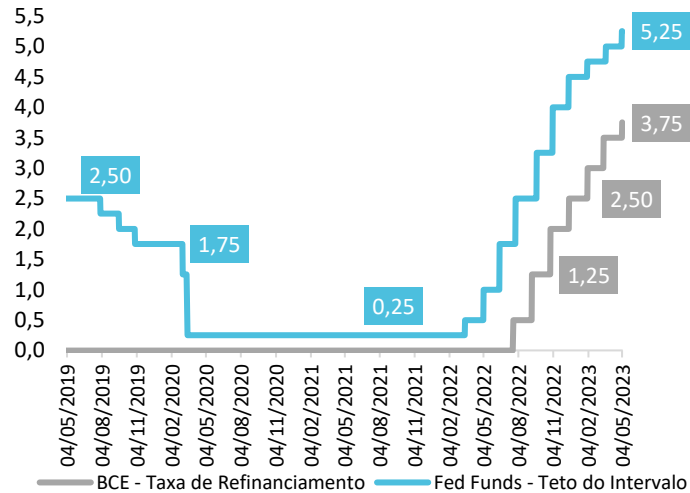
Durante a semana predominou o sentimento de cautela dos agentes enquanto Fed e BCE subiram juros em 0,25 pp. Nos EUA, houve sinalização de que o ciclo de alta pode ter chegado ao final. Após números fortes no mercado de trabalho (*payroll*), a possibilidade de cortes rápidos nos *Fed Funds* foi afastada, mas o resultado, por outro lado, animou parte dos investidores que se apoiaram na resiliência que a economia dos EUA vem apresentando. Na Europa, o BCE indicou que ainda há caminho a ser percorrido no aperto monetário.

Conforme esperado pela maior parte do mercado, o Fed subiu os juros em 0,25 pp, levando os *Fed Funds* para o intervalo entre 5,0% e 5,25% aa. O comunicado sinalizou que o Fomc irá ponderar se novas altas serão necessárias, o que foi lido como um sinal de pausa no aperto por parte do mercado. A remoção da frase que dizia que “novos aumentos de juros seriam apropriados” contribuiu para o entendimento. Na coletiva de imprensa, contudo, o presidente do Fed, Jerome Powell, negou que uma decisão sobre pausa nos juros tenha sido tomada, ao mesmo tempo em que buscou afastar a ideia de que um eventual corte de juros estaria próximo, já que a atividade tem se mostrado resiliente e a inflação segue em níveis elevados.

Quanto aos indicadores, o *payroll* de abril registrou a criação de 253 mil vagas, acima do esperado (+180 mil) e acelerando em relação a mar/23 (+165 mil). O resultado reforça a leitura de que o mercado de trabalho está aquecido. A taxa de desemprego caiu para 3,4% (ante 3,5%), atingindo o menor patamar em mais de 50 anos. Já os ganhos salariais médios subiram 0,5% no mês, voltando a acelerar na métrica anual para 4,4% (ante 4,3%). No âmbito das expectativas, os PMIs de abril subiram conforme o esperado, com os serviços reportando maior dinamismo ao atingir 53,6 pts (ante 52,6 pts), enquanto a manufatura voltou a superar o nível neutro, chegando a 50,2 pts.

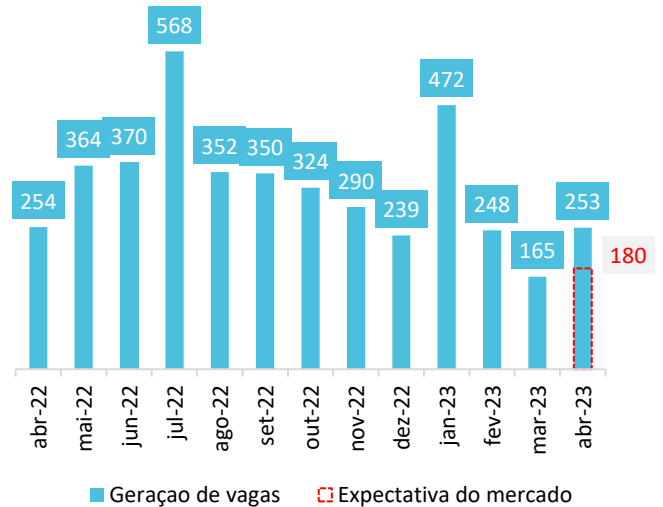
Na Europa, o BCE elevou os juros em 0,25 pp, levando as taxas de refinanciamento para 3,75% aa. A despeito de alguns dirigentes argumentarem a favor de uma alta mais forte, de 0,5 pp, o Comitê optou por diminuir o ritmo do aperto, mas deixou claro que a alta dos juros não chegou ao fim. Segundo a presidente do BCE, Christine Lagarde, a atual política monetária é restritiva, mas ainda insuficiente para levar a inflação de volta à meta, e, em meio às pressões ainda fortes nos preços, o BCE irá seguir com o aperto. Neste sentido, a prévia da inflação de abril acelerou para 7,0% na base anual (ante 6,9%), interrompendo a desaceleração que vinha desde nov/22, com os preços de energia voltando a subir neste comparativo (+2,5%).

Quadro 4: Fed Funds Rate (Fed) e Taxa de Refinanciamento (BCE) – Em % aa



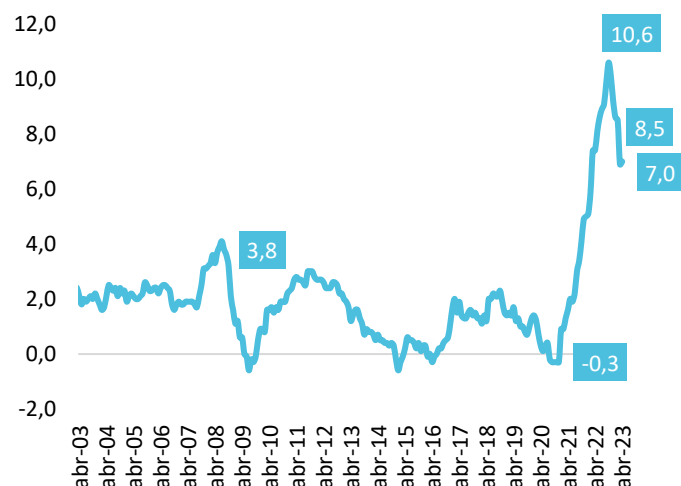
Fonte: Bloomberg.

Quadro 5: EUA – Geração de Vagas de Emprego Em milhares



Fonte: Bloomberg.

Quadro 6: Zona do Euro – Inflação ao Consumidor (CPI) – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

## Resultado Corporativo 1º Tri/23 Bradesco

## CRÉDITO / BANCOS

O Bradesco registrou lucro líquido gerencial de R\$ 4,3 bi no 1º tri de 2023, o que representa uma alta de 168,3% ante o tri anterior e queda de 37,3% no comparativo anual. O resultado ficou acima do esperado pelo mercado (R\$ 3,8 bi), mas com o ROE (10,6%) ainda baixo em comparação à média histórica, de 17,3% desde 2017. O indicador subiu 6,7 pp no tri e caiu 7,4 pp em 12 meses.

No trimestre, o resultado foi beneficiado especialmente pela queda de 36,0% da PDD. A conta foi a grande responsável pela fraco resultado no 4T22, tanto em função da provisão da exposição nas Lojas Americanas como pelo aumento da inadimplência da carteira. Retirando tal efeito, a queda na PDD foi de 5,4%. Já a margem financeira ficou praticamente estável (-0,1%) no trimestre, a despeito da redução de 2,9% na margem com clientes. Segundo o banco, tal resultado decorre do maior rigor nos modelos de concessão, que visam a melhora do perfil de risco da carteira, mas que produzem impactos no spread e no mix de produtos. Outro ponto negativo foram as menores receitas com serviços (-5,5%), diante dos menores ganhos de cartão (-5,2%), afetados por questões sazonais no início do ano, e menores receitas com seguros e previdência (-14,7%). Também pesou a elevação das despesas de pessoal (+1,1%). Do lado positivo, houve redução (-10,5%) das despesas administrativas, em função dos menores gastos com serviços financeiros (-23,6%) e terceiros (-15,0%).

Já a carteira de crédito ampliada cresceu 5,4% em 12 meses, mas com recuo de 1,4% ante o trimestre anterior. Segundo o Bradesco, o menor volume na margem decorre do atual momento do ciclo de crédito (política monetária contracionista), bem como pela estratégia da IF, que vem gerando um reposicionamento para modalidades de menor risco.

No comparativo anual, o avanço da carteira foi liderado pelo crédito destinado às famílias (+10,2%), impulsionado pelo cartão de crédito (+22,4%) e financiamentos imobiliários (+9,5%). Já a carteira PJ apresentou um crescimento bem mais modesto, de 2,2%, puxado pelo segmento de MPMEs (+3,7%), e, em menor medida, pelas grandes empresas (+1,4%). Como ponto de atenção, a inadimplência (acima de 90 dias) da carteira atingiu 5,1%, com alta de 0,8 pp no trimestre e de 1,9 pp no ano. O patamar é o mais alto desde mar/17, e segue sendo puxado, na margem, pela carteira MPMEs (+0,9 pp) e pessoas físicas (+0,8 pp), segmentos que sofrem mais com a deterioração do cenário econômico. O banco, contudo, informa que a nova safra de crédito já vem com nível de inadimplência melhor, devendo gerar alguma melhora da taxa à frente, especialmente no final do ano. Isso, pois, a expectativa é de que a inadimplência siga pressionada no 2º e 3º tri, como apontam os indicadores de atraso (15 a 90 dias), que saltaram de 4,1% para 4,6%. O aumento da inadimplência, por sinal, afetou o índice de cobertura (saldo das provisões para crédito de liquidação duvidosa/carteira inadimplente), que recuou para 182,4%, embora ainda em patamar saudável. Os indicadores de capital e liquidez, por sua vez, seguem em patamares confortáveis.

### Quadro 7: Resultado 1T23 – Bradesco

Banco Bradesco - R\$ Mi	1T22	4T22	1T23	Var. %	
				Tri	Anual
<b>ITENS PATRIMONIAIS</b>					
Ativo Total	1.724.422	1.830.247	1.864.026	1,8%	8,1%
TVM	702.028	763.292	730.525	-4,3%	4,1%
Depósitos	547.887	593.186	589.001	-0,7%	7,5%
Patrimônio Líquido	152.742	156.011	157.156	0,7%	2,9%
<b>DRE<sup>1</sup></b>					
Margem Financeira	17.061	16.677	16.653	-0,1%	-2,4%
Margem com Clientes	15.818	17.480	16.965	-2,9%	7,3%
Margem com Mercado	1.243	-803	-312	-61,1%	-125,1%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-4.836	-14.881	-9.517	-36,0%	96,8%
Receitas de prestação de serviços	8.611	9.251	8.746	-5,5%	1,6%
Resultado das Operações de Seguros, Previdência e Capitalização	3.286	4.300	3.669	-14,7%	11,7%
Despesas de pessoal	-5.501	-5.967	-6.031	1,1%	9,6%
Despesas administrativas	-5.083	-6.055	-5.418	-10,5%	6,6%
IR/CSLL	-3.456	1.745	-499	-128,6%	-85,6%
Lucro/Prejuízo do período <sup>2</sup>	6.821	1.595	4.280	168,3%	-37,3%
<b>RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE<sup>1</sup></b>					
ROAE	18,0%	3,9%	10,6%	6,7 pp	-7,4 pp
ROAA	1,6%	0,3%	0,9%	0,6 pp	-0,7 pp
Índice de eficiência	43,5%	47,7%	47,1%	-0,6 pp	3,6 pp
<b>CRÉDITO</b>					
Carteira de crédito ampliada <sup>3</sup>	834.451	891.933	879.283	-1,4%	5,4%
PF	331.404	361.101	365.312	1,2%	10,2%
PJ	503.047	530.831	513.972	-3,2%	2,2%
Estoque de PDD p/ operações de crédito	44.234	51.704	53.618	3,7%	21,2%
Despesa PDD/Carteira de crédito	0,6%	1,7%	1,1%	-0,6 pp	0,5 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito	5,3%	5,8%	6,1%	0,3 pp	0,8 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	3,2%	4,3%	5,1%	0,8 pp	1,9 pp
Índice de Basileia	15,7%	14,8%	15,1%	0,2 pp	-0,6 pp
Cobertura > 90 dias	235,4%	204,2%	182,4%	-21,8 pp	-53,0 pp

Fonte: Bradesco RI. Elaboração: FEBRABAN. <sup>1</sup>Anualizado <sup>2</sup>Lucro Líquido Ajustado Gerencial <sup>3</sup>Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias, ativos relacionados a atividades de aquisição e avais e fianças.

## Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Abr/23

## CRÉDITO / BANCOS

O Banco Central do Brasil informou que a caderneta de poupança voltou a perder recursos no mês de abril, no montante de R\$ 6,3 bilhões. O resultado, no entanto, foi abaixo da perda registrada no mesmo mês do ano passado, quando os saques líquidos foram de R\$ 10,3 bi (dados ajustados pelo IPCA).

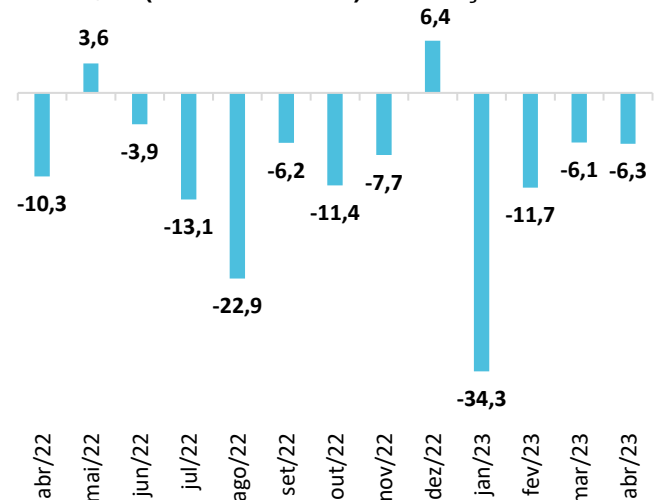
Com o resultado, a poupança registra saída líquida nos primeiros quatro meses do ano. Neste período, os saques superaram os depósitos em R\$ 58,4 bi, equivalente a 0,58% do PIB, mesmo patamar que em 2022 e o pior resultado desde a crise de 2015/16, quando as captações líquidas foram equivalentes a 0,79% e 0,77% do PIB, nesta ordem (conforme ilustrado pelo Quadro 9).

Em relação ao saldo, o volume depositado na modalidade caiu para R\$ 967,5 bi (ou 9,6% do PIB), seguindo com a tendência de acomodação desde o pico atingido em dez/20 (R\$ 1,238 tri ou 13,6% do PIB) e abaixo do patamar observado no pré-pandemia (R\$ 1,038 tri ou 11,2% do PIB em fev/20). Como comentado em boletins anteriores, parte relevante da redução de recursos na caderneta de poupança tem refletindo o ambiente de elevada taxa de juros, que reduz a atratividade da modalidade. Em certa medida, os recursos têm migrado para o saldo de depósitos à prazo (conforme ilustrado no Quadro 10), que já atingem 20,1% do PIB, contra 16,9% no período pré-pandemia.

Importante destacar que o movimento de perda de relevância da poupança impõe alguma cautela na expansão do crédito imobiliário, já que a poupança é uma importante fonte de *funding* para a modalidade. Como alternativa de captação, as IFs têm recorrido a outros instrumentos, como LCI (Letra de Crédito Imobiliário), que, por serem mais caros, imprimem algum repasse às taxas de juros dos financiamentos imobiliários.

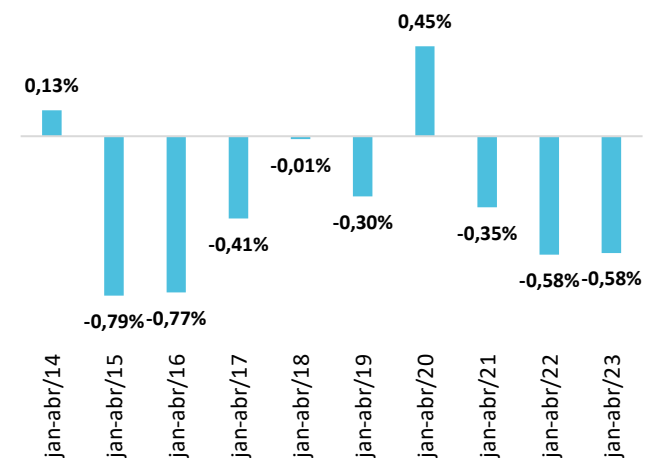
Por fim, a rentabilidade da poupança atingiu 8,33% no acumulado em 12 meses. Em termos reais, a rentabilidade atinge 4,04% (considerando IPCA acumulado em abril, segundo estimativa do último Boletim Focus).

**Quadro 8: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Em R\$ bi (IPCA de Abr/23\*) – Evolução Mensal**



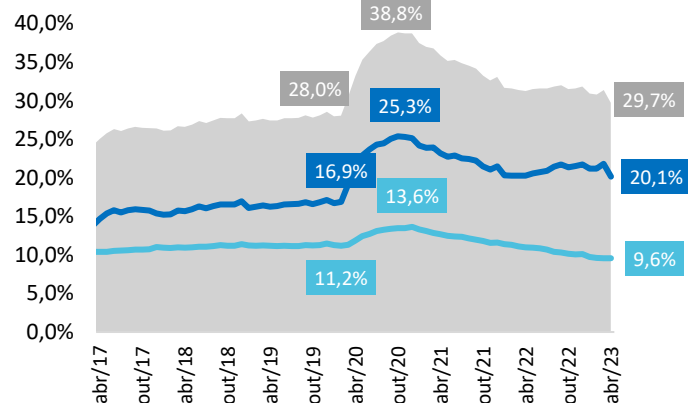
Fonte: Bacen. \*Última projeção disponível do Boletim Focus (02/05).

**Quadro 9: Captação Líquida Acumulada (janeiro a abril) - Em % do PIB**



Fonte: Bacen.

**Quadro 10: Saldo da Poupança e Depósitos à prazo Em % do PIB**



Fonte: Bacen.



## MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	05/05/23	28/04/23	07/04/23	Viés	05/05/23	28/04/23	07/04/23	Viés
IPCA (%)	6,02	6,05	5,98	▼	4,16	4,18	4,14	▼
PIB (% de crescimento)	1,00	1,00	0,91	↔	1,40	1,41	1,44	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,50	12,50	12,75	↔	10,00	10,00	10,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,20	5,20	5,25	↔	5,25	5,25	5,27	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	05/05/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
<b>NACIONAL</b>					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,95	-0,74%	-0,74%	-6,24%	-1,55%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	225,71	0,51%	0,51%	-11,16%	-1,94%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,65	0,01%	0,01%	-0,03%	7,65%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	12,63	-1,51%	-1,51%	-5,81%	-4,74%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,73	-2,38%	-2,38%	-7,08%	-3,58%
Índice Ibovespa (em pontos)	105.148,48	0,69%	0,69%	-4,18%	-0,15%
IFNC (setor financeiro)	10.746,54	2,73%	2,73%	4,81%	10,28%
<b>INTERNACIONAL</b>					
Fed Funds (% a.a.)	5,25	5,00%	5,00%	16,67%	425,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,91	-2,31%	-2,31%	-11,57%	44,78%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,44	0,44%	0,44%	-11,30%	13,19%
Dollar Index	101,21	-0,44%	-0,44%	-2,23%	-2,45%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.136,25	-0,80%	-0,80%	7,73%	-0,26%
Índice de ações de bancos – EUA	82,38	-7,95%	-7,95%	-27,79%	-27,93%
Índice Euro Stoxx 50	4.340,43	-0,43%	-0,43%	14,41%	17,42%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	102,30	-1,20%	-1,20%	6,72%	21,48%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	75,30	-5,33%	-5,33%	-12,35%	-32,10%

Fonte: Bloomberg

**Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos**  
[economia@febraban.org.br](mailto:economia@febraban.org.br)

Rubens Sardenberg  
 Jayme Alves  
 Luiz Fernando Castelli  
 Daniel Casula  
 João Vítor Siqueira